

AFONSO CRUZ

Flores



Copyright © 2015 by Afonso Cruz

A editora manteve a grafia vigente em Portugal, observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Revisão

Nana Rodrigues

Arlete Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cruz, Afonso

Flores / Afonso Cruz — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2725-2

1. Romance português I. Título.

16-02650

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romance : Literatura portuguesa

869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Estava junto aos escombros do meu pai, com os restos dos nossos sentimentos à deriva. O meu corpo ainda dizia o nome dele muito baixinho, como se fosse sangue a correr nas veias. As lágrimas não caíam, ficavam suspensas numa antecâmara qualquer do coração ou lá de que lugar é esse onde as lágrimas são laboriosamente fabricadas.

A Clarisse estava ao meu lado. Estávamos de braço dado, ela tinha a cabeça encostada ao meu ombro.

Atrás dos meus óculos escuros via as pessoas no enterro, a Carla estava tão bonita, de preto, com a dor no rosto, os cabelos lisos e as coxas a sair do vestido curto, mas não podia pensar naquilo, era o enterro do pai, ainda por cima a Carla é minha prima direita. Os destroços da morte por todo o lado, nas caras das pessoas, nas recordações. A mãe gritou algumas vezes, Zé, Zé, Zé, era o nome do meu pai, e foi nessa altura que me caíram umas lágrimas, não tanto por ele, naquela serenidade de cadáver, mas pela dor da mãe, tão pungente e catártica, tão siciliana na sua forma de

se manifestar, cada Zé que ela gritava era uma facada no ar, Zé, Zé, Zé.

O calor era tanto, o suor escorria-me pelas costas abaixo, não, não era suor, era a língua da morte a lamber-me a coluna de cima para baixo, a arrastar-me para o chão, a língua quente dessa estranha entidade que nos transforma em terra, que transforma tudo em terra. Sentia-lhe o hálito a flores, porque ela não fede como seria crível, tem o bafo das coroas de rosas e margaridas e gladiolos com que enfeitamos os caixões e mais tarde as campas. Cheira tudo a flores, o fim das coisas cheira a flores, não é a esgoto e a podre. Zé, Zé, Zé, gritava a mãe, e a morte a lamber-nos as costas, sem parar, com a ponta da língua muito fina a passar pelos corpos dos vivos, como quem toma um aperitivo.

E, enquanto o padre mandava o pó voltar ao pó, eu abençoava Deus com blasfêmias.

As lágrimas não são todas iguais. Quimicamente, as lágrimas provocadas pelo descascar de uma cebola são diferentes daquelas que choramos quando enterramos o nosso pai. As lágrimas, todas elas, contêm óleos, anticorpos e enzimas. As que chorei nesse dia em que atirei uma pá de cal para o buraco onde enterraram o pai tinham, além das partículas que o microscópio deteta, a tristeza imensa de não podermos partilhar mais uma garrafa de vinho. Uma coisa são lágrimas de cebola e outra são lágrimas do coração. Nesse dia usava óculos escuros, *ray ban* dos anos setenta, lentes verdes, aros dourados. A tia Dulce dizia que o pai era maravilhoso, uma espécie de templo de Artemisa, e eu dizia que sim, que era, com certeza que era, e depois veio o tio Henrique, com a barriga enorme, chegava sempre uns minutos à frente dele, e a coçar as partes antes de dizer que sim senhor, o pai era do caraças, era um grande jogador de *bridge* e sabia fazer, com o lenço, coelhos e outras formas, a que dava vida com uma espécie de ventriloquismo. Aquilo

a mim parecia-me uma doença que dava ao pai, uma coisa incontrolável: puxava o lenço, assoava-se, e depois dava-lhe um nó e a forma da cabeça de um coelho, falava fininho e eu desatava a chorar, não sei porquê, mas detestava aquilo, metia-me um medo ancestral, uma coisa que se entranhava corpo adentro como se bebesse uma aguardente.

Voltámos para casa, eu, a Clárisse e a minha filha, a Beatriz, logo depois de um almoço de bitoques num restaurante que ficava mesmo em frente ao cemitério de Benfica.

A tarde ia mais ou menos a perseguir os meus passos, predadora, quando desci as escadas para ver o correio. Apercebi-me de um vulto junto a mim. O sol entrava e furava-me os olhos através de uma pequena janela do prédio, levantei a mão, fiz uma pala com ela, percebi que era o senhor Ulme, o vizinho do lado. Cumprimentei-o. Olá, disse eu, olá, disse ele, vim ver o correio, eu também. Pareceu-me que tinha envelhecido alguns anos desde a última vez que o vira, uns meses antes. Vemo-nos muito pouco, ele quase não sai e eu não sou uma pessoa propriamente social. Disse-lhe que o Verão parecia estar a favorecer os lagartos ao sol, que estava um calor do tamanho de um planeta a matar-se. Ele sorriu. Tinha lábios grossos, olhos pequenos debaixo de sobrancelhas que eram verdadeiras quedas de água pilosas. Não sei porquê, mas tive vontade de o convidar para um café. Nunca o havia feito e ele vivia na porta do lado há mais de sete anos. Tomamos um café? Ele disse que sim.

Enquanto subíamos, eu ia atrás, via o seu rabo enorme a balançar. Ele usava umas calças de linho transparentes, que deixavam ver as cuecas. Subimos o patamar e ele encostou-se à parede para me deixar passar. Abri a porta, convidei-o a entrar.

Levei-o para a sala, esteja à vontade, e fui fazer o café.

Quando voltei da cozinha, ele tinha pegado numa das revistas pornográficas que eu guardava numa estante do século XVIII, de mogno avermelhado. Tenho uma coleção relativamente grande, especialmente dos anos sessenta, setenta e oitenta do século XX.

— Nunca tinha visto.

— O quê?

— Uma mulher nua.

Parei no quiosque para comprar o jornal. As notícias não eram boas, como quase nunca são, os atuns extinguem-se, a fome continua a matar, os índios desaparecem, os dentes caem, a malária, a tuberculose, o cancro, o desemprego, a gripe das aves, o nervosismo dos mercados. De resto, não é preciso ler o jornal, as notícias estão marcadas na cara das pessoas. Quando entrei em casa, a televisão estava ligada e a Clarisse dormia no sofá. Passei pelo quarto de hóspedes, a porta estava entreaberta, e reparei numa situação que me perturbou terrivelmente. Não sou supersticioso, mas há uma coisa que, inexplicavelmente, abomino: chapéus em cima da cama. A Clarisse tinha pousado o meu chapéu na cama. Sabendo perfeitamente que eu não suporto isso. Temos um cabide nesse quarto e é lá que penduro os meus chapéus, todos, tenho vários, comprados em diferentes países, de feltro, de pele, de lã, de Marrocos, do Paquistão, de Nova Iorque.

Deixei-o ficar, pois achei que deveria ter sido uma distração da Clárisse e que quando ela reparasse o tiraria daquele lugar aziago (apesar de eu não ser nada supersticioso).

Acordei na manhã do dia seguinte com uma enorme enxaqueca, desde as têmporas até à nuca, a minha cabeça era uma beata a ser apagada por um sapato. Fiz um café, tomei dois analgésicos, mas não melhorou, tive vontade de chamar os bombeiros para apagar aquela dor, como é possível que caiba tanta dor em tão poucos centímetros cúbicos de crânio, enfim, quando penso nisso, percebo aquela coisa de que cada homem é um universo, se não fosse não caberia tanto sofrimento dentro da cabeça de cada um. Onde é que li que os filósofos acham que o homem é um microcosmos mas um sábio sabe que o homem é um macrocosmos? Dizem que Lewis Carroll tinha grandes enxaquecas e que foi por causa delas que escreveu *Alice no país das maravilhas*. Não eram, com certeza, enxaquecas maiores do que as minhas, qualquer dia ainda me sai uma obra-prima.

A Clarisse estava na casa de banho a depilar-se. Fiquei uns segundos a observá-la e senti que contemplava uma

paisagem triste, não sei por que razão. A Clarisse estava sentada em cima da tampa da retrete, uma perna no chão, a outra levantada, com o pé descalço pousado no tampo da sanita, uma toalha turca azul-clara debaixo de si. Os azulejos brancos, o barulho da máquina de depilação, os gestos metódicos, as cuecas brancas, o corpo inclinado, a camisa de dormir quase da cor da pele, os cabelos que lhe caíam para o colo e que ela puxava para trás da orelha (e eles voltavam a cair e ela voltava a puxá-los), esta cena, não sei porquê, deu-me vontade de chorar.

Abri as duas grandes janelas da sala e fumei um cigarro na varanda a olhar para a biblioteca do outro lado da rua. Pensei no senhor Ulme e na confissão que me fizera no dia anterior. Parecia-me impossível que um homem daquela idade nunca tivesse visto uma mulher nua, já que somos constantemente bombardeados com imagens de nudez. Apesar de se ter referido a uma fotografia, provavelmente quis dizer que nunca vira ao vivo. Mesmo assim, parecia-me difícil de acreditar.

Voltei para dentro. Os cortinados esvoaçavam com o vento quente de Julho. Aproximei-me da casa de banho, bati na porta entreaberta e disse à Clarisse que ia sair, precisava de tomar outro café, a dor de cabeça matava-me.

Quando voltei a casa, a banda chamada Orquestra Mnor, que todos os dias ensaiava no último andar, tocava e enchia o prédio de melodias. A dona Azul abanava-se subtilmente enquanto subia as escadas, noventa e dois anos de ossos a gingar ao ritmo da música, um ligeiro menear que só era perceptível tomando muita atenção. A dona Azul costuma dançar com alguns dos músicos — às vezes com vizinhos — no terraço junto à sala de condóminos. A vista é esplêndida.

As mazurcas, as tarantelas, os *standards* de jazz, os tangos, as mornas sucediam-se e parecia que as paredes começavam a ficar encharcadas, possuídas da humidade etérea da música. Juro que vi gotas de água a escorrer até ao chão.